

Título: O auto-dano na perturbação *borderline* de personalidade

Autores: Alexandra Dinis, José Pinto-Gouveia e Paula Castilho (CINEICC – FPCEUC)

A Perturbação Borderline de Personalidade (PBP) é uma doença mental severa e debilitante caracterizada por um padrão, marcado e persistente, de instabilidade no relacionamento interpessoal, na autoimagem, na cognição, na regulação dos afetos e no controlo dos impulsos (APA, 2000; Lieb, Zanarini, Schmahl, Linehan, & Bohus, 2004). Vários teóricos e investigadores concordam que a característica central da PBP é a desregulação emocional (e.g., Herpertz, Kunert, Schwenger, & Sass, 1999; Linehan, 1993; Stiglmayr, Shapiro, Stieglitz, Limberger, & Bohus, 2001), com vários critérios de diagnóstico, presentes no DSM-IV (APA, 2000), a serem exemplo disso mesmo (e.g., instabilidade emocional, explosões de raiva, sentimentos crónicos de vazio, comportamentos de auto-dano, tentativas de suicídio; Conklin, Bradley, & Westen, 2006; Lieb et al., 2004). De entre estes, sabe-se, que cerca de 70-75% dos doentes com diagnóstico de PBP apresentam comportamentos de auto-dano (Gunderson, 2001; Linehan, 1993), o que torna este sintoma comportamental, um dos mais representativos das dificuldades sentidas por estes doentes em regular os seus estados emocionais.

Com o presente estudo, conduzido numa amostra de doentes com diagnóstico de PBP, pretendeu-se: (I) Averiguar em que medida é que os doentes que apresentam comportamentos de dano autoinfligido se distinguem dos doentes sem comportamentos de dano autoinfligido num conjunto de variáveis que avaliam a vulnerabilidade temperamental, precursores emocionais específicos e processos de regulação emocional; (II) Testar um modelo explicativo do auto-dano que reflita, ainda que de modo limitado, a complexidade etiológica deste comportamento.

A amostra de doentes com PBP (N = 78) foi dividida em dois subgrupos de acordo com a presença de comportamentos de dano autoinfligido sem ideação suicida (N=44; $M_{idade}=27.89$; $M_{habilitações\ literárias}= 12.95$) ou com a sua ausência (N=34; $M_{idade}=31.12$; $M_{habilitações\ literárias}= 14.56$). Os participantes preencheram uma bateria de questionários de autorresposta que avaliavam as variáveis em estudo. A pertença a cada subgrupo foi estabelecida através de duas entrevistas clínicas estruturadas: a SCID-II e o BPDSI-4.^a edição.

As análises estatísticas conduzidas apontaram para a existência de diferenças estatisticamente significativas, entre os dois subgrupos, quanto às pontuações da dissociação, vergonha interna, vergonha externa, evitamento experiencial, auto-compaixão, afeto negativo e afeto positivo. Os resultados das regressões logísticas mostram que, de entre os preditores testados, somente a vergonha interna apresenta um contributo específico e independente para a predição da presença de dano autoinfligido. Mais especificamente, os resultados obtidos sugerem que os doentes com PBP que reportam uma elevada vergonha interna têm uma maior probabilidade (cerca de cinco vezes mais elevada) de apresentarem comportamentos de dano autoinfligido sem ideação suicida.

Em síntese, os resultados do presente estudo colocam a possibilidade da vergonha interna poder funcionar como um precursor emocional para o dano autoinfligido, constituindo-se como um elemento crucial para a compreensão da sua patogénese.